

»

Silvia Bleichmar da cozinha: “Se Aristóteles tivesse cozinhado, teria escrito muito mais”^{* *1}

Sentada diante da folha em branco e frente a uma tarefa que penso ser colossal, apelo à memória buscando aquelas fórmulas com as que se costuma dar início a um perfil.

Penso no Moisés de Thomas Mann (1943/1985): “Seu nascimento foi inaudito, daí que amasse apaixonadamente a ordem, o inviolável, o que deve e não deve ser feito” (p. 7); na autobiografia de Isadora Duncan (1927/1983): “O caráter de uma criança já está em sua plenitude no seio da mãe”² (p. 13); ou também em uma deliciosa biografia de meu poeta favorito: “Charles Baudelaire é parisiense de nascimento”³ (Porché, 1997, p. 17).

Apelo a elas e a muitas outras, substituindo o sujeito em questão pelo nome de minha mãe: seu nascimento foi uma rara união entre ceticismo e vontade, mesmo se sua família paterna tivesse acabado de ser massacrada na Europa... Desde pequena mostrou uma determinação evidente que se refletia no modo em que, frente a uma sanção que vivia como injusta, mordida os lábios para não chorar... Nasceu em Bahía Blanca, uma cidade “de províncias”, onde o fotógrafo local teve que se submeter frente à fortaleza de minha avó Sara para que o habitual retrato que se fazia das meninas a mostrasse, com apenas três anos, de calças, com um pé para o alto, nessa pose de herói que só era permitida aos homens... Silvia Bleichmar era argentina... Silvia Bleichmar era psicanalista..., latino-americana..., judia..., deixou uma vasta obra..., morreu jovem.

E, uma vez resolvido o começo, como definir o tom? Familiar e íntimo ou, ao contrário, neutro e acadêmico. Esse, talvez, não seja totalmente meu problema, entendo que o tom emergirá ao fazer que ela fale de si mesma; qualquer outra coisa me resulta impensável.

Enquanto vacilo, entendo que não é possível introduzir sua obra sem dar conta de uma marca que a diferenciava como sujeito, como autora e como pensadora: uma avidez imensa pelo conhecimento, porém, mais ainda, por esse conhecimento acompanhado do efeito do diálogo incessante que se estabelece com os outros em qualquer de suas formas: pares, alunos, colegas, pacientes, amigos, objetos internos, autores, livros.

* Asociación Trabajo del Psicoanálisis.

** Sor Juana Inés de la Cruz (1691), *Respuesta de la poetisa a la muy ilustre sor Filotea de la Cruz*. Verso citado no livro *Nas origens do sujeito psíquico* (Bleichmar, 1985/1986, p. 16).

1. N. do T.: Esta e as citações seguintes são tradução livre, a não ser quando se especificar o contrário.

2. N. do T.: Tradução de Moraes, J. A tradução desta citação corresponde à página 376 de: Duncan, I. (2018) *Minha vida*. Lisboa: Sistema Solar. (Trabalho original publicado em 1927).

3. N. do T.: Tradução livre.

↑
*La memoria
del mundo*
Hugo Aveta

Neste sentido, seu perfil requer muitos outros, já que, precisamente, “sentir-se parte dos demais” foi uma das razões pelas quais voltou para a Argentina depois de seu exílio mexicano, e não – como disse uma vez – “por sentir saudades das *medialunas*”.

Talvez seja esta qualidade para um intercâmbio genuíno o que convida a imaginar o que diria em relação a tal ou qual acontecimento, já que permanece como interlocutora em cada um dos que podemos conhecê-la e se sustenta nas gerações mais jovens, em um diálogo com a obra carregado com o mesmo entusiasmo não reverencial com que soubemos fazê-lo com a própria Silvia⁴. Um pensar acompanhado, mas não complacente a definia.

Costumava começar e encerrar o seminário que dava cada segunda-feira durante mais de dez anos agradecendo ao auditório por acompanhá-la e estimulá-la nesse trabalho rigoroso (mas ainda assim irreverente e lúdico) com o que se debruçava sobre o tema proposto em cada ocasião.

Deste seminário das segundas-feiras ficou grande parte da obra publicada depois de sua morte (Bleichmar, 2009, 2011, 2014, 2016, 2020), mas também um trabalho de revisão da sexualidade masculina (Bleichmar, 2007), que considerava uma das grandes dívidas da psicanálise e que levou em frente antecipando-se a debates atuais em função de “sustentar os paradigmas se desprendendo do lastro” (Bleichmar, 2005, p. 107).

O reposicionamento da noção de perversão em termos metapsicológicos à parte de toda a leitura moral das práticas sexuais⁵, assim como o esforço por separar o Édipo (enquanto assimetria sexual constitutiva) da novela da modernidade, em qualquer de suas reformulações, foram uma tentativa porque nossas teorias não sucumbiram junto com as formas da subjetividade de uma época que colocam em risco a própria legitimidade da disciplina⁶. Para isso, a diferença entre aquelas regras gerais do funcionamento psíquico – definidas como “construção do psiquismo” (funcionamento diferenciado dos sistemas psíquicos, repressão, superego, complexização tendente à regulamentação intrapsíquica) – e os modos históricos-sociais particulares de produção de sujeitos aptos para cada sociedade – pensados em termos de “produção de subjetividade” – resultou central (Bleichmar, 2005).

Mas voltemos atrás. Silvia Bleichmar nasceu em 1944, era a filha mais nova de uma família judia, metade lituana, metade argentina, que apenas quatro anos antes de sua aparição teve que abandonar Buenos Aires em busca de meios para sobreviver. Anos depois, ela mesma foi expulsa de um colégio (por contestadora e irreverente) e de um país, estudou em mais de um curso universitário, casou-se mais de uma vez, teve mais de um filho e mais de uma geografia. Sua vida se sobrepõe a cada passo com seu pensamento e sobre sua biografia já escreveram muito – entre outros, eu mesma –: melhor avançarmos sobre aquelas linhas libidinais⁷ (Bleichmar, 2009) que a mesma Silvia foi estendendo sobre o mundo na criação preciosa de uma rede que ainda hoje sustenta sua lembrança.

Uma digressão final: quando meus irmãos e eu éramos pequenos, o acesso à biblioteca não tinha restrições e o convite a percorrê-la se regia pela ordem de que fôssemos nós, as crianças, quem resolvêssemos quais livros deveriam ser lidos ou abandonados depois da primeira olhada, nos guiando unicamente por nossos gostos e interesses. É assim como escalamos precoce e fastidiosamente *O muro* de Sartre, ficando depois presos em “A autoestrada do sul” de Cortázar ou embarcando com Monteiro Lobato e Narizinho rumo à Acrópole de Péricles, enquanto saboreávamos com o pensamento algo chamado néctar e

4. “A escritura é exercida sempre no horizonte dos olhos de todos aqueles que nos ajudam a pensar e a nos pensar em nossa rota” (Bleichmar, 1993, p. 15). N. do T.: Tradução livre.

5. “Redefinamos então a perversão como processo no qual o gozo está implicado a partir da des-subjetivação do outro” (Bleichmar, 2006, p. 102). N. do T.: Tradução livre.

6. “Não se trata de acomodar os paradigmas fundamentais da psicanálise aos tempos correntes, mas sim de fazer decantar neles aqueles aspectos que unificam o rigor teórico à máxima fecundidade prática. Cada vez que um enunciado é colocado em questão pelos novos modos da subjetividade, nos obriga a uma revisão de seus fundamentos, em razão de que, fora de todo relativismo, os núcleos de verdade que possui não podem ser expulsos junto com as formas de subjetividade dos tempos nos quais foram acunhados” (Bleichmar 2006, p. 9). N. do T.: Tradução livre.

7. O “signo de percepção [...] enquadra a abertura no mundo de linhas libidinais que atravessam os objetos. Digamos, são elementos que, provenientes do campo do real, se desprendem dos objetos produtores de prazer primário e entram a funcionar como autonomamente, e vão marcando as linhas de interesse no mundo” (Bleichmar, 2009, p. 310). N. do T.: Tradução livre.

ambrosia, que se supunha ser tão saboroso que os próprios deuses o preferiam em relação a um chocolate com churros ou um bom churrasco. Essa liberdade com que éramos estimulados a entrar em qualquer mundo que nos resultasse chamativo era a que ela mesma tinha experimentado em sua infância quando ficava sob os cuidados dos bibliotecários de Bahía Blanca que, vendo-a entediada-se no Anexo Infantil, muito cautelosamente, pediram autorização para que acesse à coleção “verdadeira”.

Tanto em seu caso como no nosso, um mundo tão ignoto requeria um mapa ou, pelo menos, algo parecido a uma bússola: se a proposta era ampla, a ingenuidade, ao contrário, não estava permitida.

Para isto fomos instruídos: cada vez que nos encontrássemos com um autor, deveríamos pensar com quem dialogava ou, por que não, com quem discutia. Essa chave continua sendo para mim essencial frente a qualquer leitura, e ao ser olido qualquer texto de Silvia, proponho fazê-lo seguindo esse Norte ou, melhor ainda, esse Cruzeiro do Sul.

No começo dos anos setenta, e depois de deixar sem conclusão a faculdade de Sociologia, forma-se em psicologia e começa sua formação como analista em um tempo que define como de esgotamento em relação aos paradigmas vigentes em psicanálise.

Neste contexto, interessa-se pelo caráter refrescante da chegada do pensamento de Lacan na Argentina, ainda que se volte, no entanto, ao estudo sistemático da obra freudiana. Simultaneamente, começa seu trabalho clínico e a assalta a sensação de que a prática com crianças se encontra atolada entre dois determinismos – o endogenismo kleiniano e o estruturalismo lacaniano – que obstaculizam sua potência⁸ e, assim, não permitem mitigar o padecimento de quem a consulta (Bleichmar, 1985/1986). A partir dali o sofrimento psíquico virá a ser o modo de balizamento principal em relação à eficácia de suas intervenções.

No marco de seu exílio mexicano, em experiências de verdadeiro encontro com crianças que arrastam padecimentos brutais – e em vias de realizar uma guinada para uma clínica mais fecunda em relação a traumatismos cuja ancoragem histórica não é suficiente para explicar a sintomatologia, mas que não podem ser resolvidas pela via de endogenismo do fantasma ou as determinações estruturais –, interessa-se cada vez mais pelos fundamentos da metapsicologia freudiana.

A passagem “do mito à história” se produz a partir da recuperação do conceito da repressão originária⁹, que lhe permite começar a propor um modelo de constituição do sujeito – mais tarde aparelho – psíquico, histórica e traumáticamente instruído, mantendo o inconsciente e a sexualidade ampliada (enquanto um a mais de prazer que não se reduz ao autoconservativo) como noções centrais.

Seu encontro com Jean Laplanche (o mais lacaniano dos freudianos), que a acolhe como doutoranda em Paris VII, resulta estimulante. Compartilham a paixão pela obra de Freud e o questionamento a seu desvio biologizante. Laplanche se torna interlocutor privilegiado e estimulante ao longo dos anos; guardo a lembrança de ir caminhando atrás deles tentando imaginar o apaixonante diálogo que se percebia de longe ir se enquadrando em longos passeios.

Em seu livro *Nas origens do sujeito psíquico* (Bleichmar, 1985/1986) – também tese de doutorado e, portanto, mais engessado pelos requisitos da academia – e depois no muito mais pessoal *A fundação do inconsciente* (Bleichmar, 1992), vai dando forma a um modelo próprio em uma releitura de Freud: o *Proyecto*, a *Carta 52* e os textos metapsicológicos de 2015.

8. “Uma situação enormemente estressante para os que nos iniciávamos na tarefa analítica, já que não contávamos com princípios diretores claros, nem com guias técnicos que nos permitissem saber com que parâmetros trabalhávamos quando nos encontrávamos frente ao paciente. Chegou-se a tal grau de maniqueísmo ciência-ideologia que em um pequeno artigo que escrevi em 1976 mostrava a imagem grotesca de um analista aterrorizado, segurando-se com firmeza à poltrona, preocupado em evitar qualquer deslize ‘pré-científico’, ‘ideológico’, na interpretação, mais do que interessado no processo da própria cura em que se encontrava comprometido. Interpretação da transferência para a história, interpretação da história em função da transferência, interpretação lacunar ou transcrição simultânea, interpretação da defesa ou interpretação do conteúdo, interpretação, enfim, ou não interpretação, eram algumas das opções entre as quais nos debatíamos” (Bleichmar, 1985/1986, pp 19-20).

9. “Foi ficando cada vez mais claro para mim que não se podia definir a priori nenhum tipo de técnica se não se voltasse a situar o conceito básico de repressão originária e o lugar dessa na constituição do dispositivo psíquico. O ‘mito’ da repressão originária devia ser retomado como conceito e colocado em jogo no próprio campo clínico” (Bleichmar, 1985/1986, p. 20).



↑
Hércules
Hugo Aveta

Ali sustentará que o dispositivo psíquico – que logo depois de sua fundação permanecerá aberto ao real – começa a se constituir a partir do encontro com o outro adulto que, enquanto “duplo comutador” e de uma posição assimétrica (efeito da situação antropológica fundamental que implica o estado de desamparo na criança), produz uma dupla inscrição: sexual e narcisista. A sexualidade reprimida do adulto é veiculada nos cuidados primários, à sua revelia, enquanto o narcisismo “transvazante” – dirá Bleichmar – facilitará a inscrição de marcas que constituirão, por sua vez, as vias colaterais de ligação para que essa sexualidade, também inscrita de forma metabólica, dando origem à pulsão, não arrase com o sujeito psíquico em vias de constituição¹⁰. A excitação, pulsão, *Drang*, esforço de trabalho, que impulsiona o dispositivo psíquico à descarga ou à satisfação, será refreada por estas vias colaterais de ligação que operarão como pré-requisito e diques, anteriores à instauração da repressão que dará precisamente “origem” ao dispositivo clivado, gerando assim as melhores condições para o funcionamento psíquico. Nada há aqui de um modelo por derivação biológica.

Seu interesse naquela história traumática-vivencial – que, sobre a base de condições edípicas de início, define os “destinos da pulsão” e, portanto, “os destinos do sujeito” – a leva a um avanço “extramuros” em relação à psicanálise, em que é acompanhada muitas vezes por Carlos Schenquerman, seu companheiro por quase quarenta anos. É dessa forma que rear-

ticula as ferramentas proporcionadas pela psicanálise para intervir em catástrofes coletivas como o terremoto que afetou grande parte do México e impactou dramaticamente a Cidade do México em setembro de 1985. Os “grupos elaborativos de simbolização” vêm a ser os dispositivos para atenuar os efeitos do traumatismo na população afetada em um primeiro momento (Bleichmar, 2010), e também modelo para a posterior intervenção no atentado à Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), em Buenos Aires, em 1994.

Se em Silvia Bleichmar o encontro com os *impasses* da clínica definiram esta guinada teórica para uma “psicanálise de fronteira” – necessária tanto nas intervenções com crianças como em relação a correntes não neuróticas, efeito de traumatismos severos ou falhas parciais da repressão (Bleichmar, 1993) –, é também porque se vê interpelada pelo sofrimento subjetivo fora do consultório durante a grande crise argentina de 2001 que apela para a psicanálise como “grande teoria da subjetividade” para tentar ampliar a compreensão das consequências psíquicas dos processos de dismantelamento social (Bleichmar, 2002).

A forma febril com que atacava o teclado de seu computador para produzir, um atrás do outro, aqueles textos que faziam a elaboração coletiva de padecimentos inomináveis, dava conta de sua convicção de que apenas o pensamento compartilhado podia mitigar o sofrimento psíquico, fosse este o efeito do ataque da pulsão ou dos horrores da vida que confrontam os seres humanos com processos de dismantelamento de sua identidade, sua subjetividade, seu eu. Nesse trabalho de escritura que levava adiante em sua máquina-roca, fiava, para nós e para ela mesma, os restos do desfiado.

Impossível não sentir que nos faz falta.

REFERÊNCIAS

- Bleichmar, S. (1986). *En los orígenes del sujeto psíquico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1985).
- Bleichmar, S. (1993). *La fundación de lo inconciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2000a). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2000b). *Dolor País*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- Bleichmar, S. (2005). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía.
- Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2009a). *El dismantelamiento de la subjetividad: Estallido del yo*. Buenos Aires: Topía.
- Bleichmar, S. (2009b). *Inteligencia y simbolización*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2010). *Psicoanálisis extramuros*. Buenos Aires: Entreideas.
- Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2020). *El psicoanálisis en debate*. Buenos Aires: Paidós.
- Duncan, I. (1983). *Mi vida*. Buenos Aires: Losada. (Trabalho original publicado em 1927).
- Mann, T. (1985). *Los diez mandamientos de Moisés*. Buenos Aires: Leviatán. (Trabalho original publicado em 1943).
- Porché, F. (1997). *La vida dolorosa de Charles Baudelaire*. Buenos Aires: Taurus.

10. Sugerimos revisar o capítulo 1 do livro *A fundação do inconciente*: “Primeras inscripciones, primeras ligazones” (Bleichmar, 1993, pp. 17-68).